

A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS PARA A HISTÓRIA DA ARTE EM PELOTAS

MAGALHÃES, Clarice Rego¹;
AMARAL, Giana Lange do²

¹Universidade Federal de Pelotas- maga.clarice@gmail.com

¹Universidade Federal de Pelotas – giana@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O tema do trabalho é uma instituição educativa particular de nível superior, a Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA), que existiu na cidade de Pelotas (RS) de 1949 até 1972, quando foi federalizada, passando a ser uma instituição pública. Esta escola é a origem do atual Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (CEARTE/UFPel). É sabido que a EBA adotou o academicismo como estilo artístico e como método de ensino, em uma época na qual outras instituições adotavam o modernismo e consideravam o academicismo superado. O objetivo deste trabalho de pesquisa, que se situa na área de conhecimento da História das Instituições Educativas, é, através do estudo da trajetória histórica da Escola, elucidar os motivos desta escolha pelo academicismo em meados do séc. XX e sua manutenção até o final dos anos sessenta. Paralelamente, objetiva descobrir de que modo a instituição se manteve em funcionamento durante vinte e quatro anos, sendo particular e gratuita. O estudo é ancorado na História Cultural, tendo base em CHARTIER (1990) e PESAVENTO (2004). Considerando que se constitui em realização de narrativa historiográfica acerca de uma instituição educativa, será construída segundo o que propõe MAGALHÃES (1996, 2000, 2004). BOURDIEU (1974, 1978, 1989, 2003, 2006) qualifica a interpretação dos dados da pesquisa com seus conceitos, principalmente os de campo, poder simbólico e violência simbólica, fundamentais para o entendimento do processo de formação e desenvolvimento da Escola.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Metodologicamente, o trabalho se dá em duas dimensões fundamentais: a dimensão empírica (recolha das fontes, o trabalho de campo) e a dimensão de análise (interpretação das fontes, que é realizada segundo referenciais teóricos). As fontes para este trabalho se constituem em arquivo institucional, periódicos da época, diários da fundadora e entrevistas. O arquivo institucional pertence à Universidade Federal de Pelotas e é composto de duas coleções: Coleção Escola de Belas Artes, que tem sua origem na própria instituição EBA, e Coleção Marina de Moraes Pires, uma doação da família da fundadora da Escola que consiste em documentos que haviam sido guardados pela própria fundadora. Os diários da fundadora da Escola foram publicados na íntegra por sua neta em um volume de 568 páginas denominado Memórias de Marina. As entrevistas, em número de sete, foram realizadas especificamente para este estudo com pessoas que vivenciaram a fundação e desenvolvimento da instituição.

A variedade de fontes, além do grande volume de dados, que permite ampla compreensão do objeto de pesquisa, oportuniza o cruzamento destes dados, o que

permite que se identifiquem imprecisões em alguns documentos, além de oportunizar o preenchimento de lacunas que poderiam existir caso se utilizasse somente um tipo de documento. Está sendo seguida a orientação de MAGALHÃES (2004), que traz um posicionamento metodológico que propõe “inserir os objetos históricos numa teia, numa rede de significados e significações”. Isto, segundo o autor, necessariamente provoca a emergência de problematizações que fazem com que o trabalho não caia no empirismo positivista e permite percorrer os caminhos e os roteiros epistemológicos da História Cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho se encontra em sua fase final, tendo sido as fontes de pesquisa quase totalmente sistematizadas e analisadas. O texto da narrativa histórica está sendo elaborado e será apresentado para a banca examinadora dentro de alguns meses.

A Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) foi fundada por uma dama pelotense, D. Marina de Moraes Pires, apoiada por um grupo que compartilhava do seu interesse em proporcionar à cidade de Pelotas o ensino de arte em nível superior. A cidade de Pelotas, com sua tradição de apreço pela cultura, configurou um contexto favorável, e a presença do pintor italiano Aldo Locatelli na cidade, para realizar a pintura mural da Catedral São Francisco de Paula, e seu aceite em ser professor do curso foram fatores que, reunidos, fizeram com que o sonho de D. Marina fosse realizado em 19 de março de 1949, com a inauguração da EBA. A Escola foi fundada em caráter particular, pois tentativas de conseguir junto aos governos a concessão de uma escola de belas artes para Pelotas, nos moldes de escolas congêneres no país, foram frustradas.

É certo que uma instituição de ensino particular só se mantém se tiver apoio e valorização por parte da sociedade onde está inserida, diferentemente de instituições públicas, que têm a sua manutenção garantida pelos governos. E não é qualquer sociedade nem qualquer momento histórico que mantém uma escola de arte particular, pois a arte não tem uma utilidade prática, como outras disciplinas, e é freqüentemente desvalorizada, sendo inclusive considerada uma futilidade - a arte se situa no campo do simbólico, e lugares e épocas diferentes dão diferente importância à arte, e, por conseguinte, ao seu ensino.

A análise das fontes está indicando que na época da EBA, na cidade de Pelotas, apoiar uma instituição cultural, participar do seu êxito, funcionava para os sujeitos como uma espécie de avalista da posição de destaque que tinham na sociedade. Assim, as pessoas que pertenciam à elite pelotense da época se comprometiam e participavam do empreendimento. A Escola teria se mantido porque teve o apoio da sociedade, começando por sua elite, que influenciou o restante da sociedade, de acordo com o conceito de violência simbólica de Bourdieu. Esta elite acabou imprimindo à EBA o seu gosto estético - o academicismo - ao participar ativamente da sua trajetória e colocar na Escola os seus representantes. A participação de elementos da elite ou escolhidos por esta elite na Instituição foi resultado das relações de poder atuantes nas relações sociais. D. Marina soube manejar estes elementos e tinha influência suficiente para tal. Esta mesma elite, que é freqüentemente acusada de não saber investir nos negócios para manter o capital econômico que cidade possuiu na época da indústria saladeiril, desempenhou papel importante na manutenção da riqueza cultural, pois se empenhou na manutenção do capital simbólico da cidade ao participar da luta

permanente que foi a manutenção da sua Escola de Belas Artes. Assim, o caminho para responder às questões de pesquisa e alcançar o sentido desta instituição parece ser pensar nela em relação à sociedade pelotense.

Segundo BOURDIEU (1989), no conjunto de uma sociedade, os agentes travam uma luta permanente. Certos padrões culturais são considerados naturalmente - e aí está o problema – superiores, e outros inferiores. Os indivíduos e as instituições que representam uma forma de cultura buscam apresentar seus bens culturais como objetivamente superiores aos demais. Esta estratégia é a base da violência simbólica, que seria a imposição de um arbitrário cultural como sendo a verdadeira ou a única forma cultural existente. E o conjunto da sociedade percebe esta imposição como a única cultura legítima, ou seja, não a percebe como arbitrária.

As fontes estão revelando que a EBA teria sido não só fundada, mas também sustentada, na sua trajetória de 24 anos, pelos esforços da elite cultural pelotense da época, tendo se configurado como um reflexo desta elite. Sua participação foi grande, e a relação estreita. As relações de poder que agiram na configuração da instituição de ensino teriam definido suas características, basicamente conservadoras. As pessoas que apoiavam a instituição conseguindo, ao longo de toda a sua existência, os auxílios, verbas e subvenções necessários para a sua manutenção junto aos governos municipal, estadual e federal tinham valores conservadores, assim como o grupo fundador da Escola. As características da Instituição, como seu método de ensino e sua produção artística – o academicismo – teriam sido determinadas por influências oriundas do campo da sociedade, e não somente do campo da arte. Valores como orgulho, auto-suficiência intelectual e uma forte ligação à tradição, características da elite cultural pelotense da época, juntamente com uma nostalgia de seu passado, teriam sido os motivos do academicismo ser adotado e ter permanecido por tanto tempo. Não havia interesse em mudanças, mas sim na valorização das heranças deixadas por um passado glorioso, segundo MAGALHÃES (1993) de “opulência e cultura”, correspondente à época de ouro da indústria saladeiril.

O processo de constituição da EBA teria sido marcadamente de âmbito municipal, de pelotenses para pelotenses, conferindo à Escola características únicas. E a Escola teria tido o papel de, com a credibilidade que detém uma instituição de nível superior, legitimar por longo tempo o academicismo, influenciando assim no desenrolar da História da Arte em Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho de pesquisa histórica estão sendo desveladas razões de a Escola de Belas Artes de Pelotas ter se constituído de determinada maneira, e de ter adotado o academicismo como estilo artístico e método de ensino. Isto está acontecendo principalmente a partir do conhecimento dos jogos de poder que atuaram em sua gênese e constituição. Aparece, na análise dos documentos, a influência que a tradicional sociedade pelotense da época teve sobre a Escola, e conseqüentemente sobre o campo da arte na cidade. A análise das fontes está trazendo à luz os jogos e relações de poder que existiram durante toda a trajetória da instituição, sua importância nas decisões que foram tomadas e, por conseguinte, nas características que a Escola adquiriu. Este estudo está mostrando como questões que poderiam a primeira vista parecer puramente artísticas, pertencentes ao e ocorridas no campo da arte, como a adoção de um estilo artístico e de um

modo de ensinar arte, podem ser determinadas por fatores não artísticos, como o enfrentamento de dificuldades materiais e jogos de poder.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. MICELI, Sérgio (Org.). São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **A Produção da Crença** – contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3ª Ed. Porto Alegre/RS: Zouk, 2006.

_____. **A Reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa: Editorial Vega, 1978.

_____. **O amor pela arte – os museus de arte na europa e seu público**. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro / Lisboa: Bertrand Brasil / Difel, 1989.

CHARTIER, R. **A História Cultural - entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

MAGALHÃES, J. P. **Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a Memória e o Arquivo**. Braga: Universidade do Minho, 1996

_____. **História das Instituições Escolares e das Práticas Educativas**. Braga: Universidade do Minho, 2000.

_____. **Tecendo Nexos – história das instituições educativas**. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2004.

MAGALHÃES, M. O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas (1860 - 1890)**. 2º ed. Pelotas: Editora da UFPel-Livraria Mundial, 1993.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.